

Coleção
MONÃ: VOZES OCEÂNICAS



volume 1
GOLFINHA ORCA

Autor
Paulo Henrique Colonese

Fiocruz-COC
2025



22ª Semana Nacional de
CIÊNCIA & TECNOLOGIA

20 a 26 de Outubro de 2025

em unidades Fiocruz de todo o Brasil

Planeta Água Cultura oceânica para enfrentar as mudanças climáticas no meu território



Produção integrada ao Projeto Água é Vida! Ciência, Saúde e Cultura Oceânica além das fronteiras da Fiocruz- Processo 444135/2025-1 – Chamada Pop Ciência CNPq / MCTI Nº 11 / 2025 - 22ª SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - SNCT 2025 - Linha A: Eventos de Abrangência Estadual ou Distrital.

Imagem de capa:

Orca (*Orcinus orca*). © Sherry Kirkvold, 2022.

Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0

Coleção
MONÃ: VOZES OCEÂNICAS

volume 1
GOLFINHA ORCA

Autor
Paulo Henrique Colonese

Fiocruz-COC
2025



Licença de Uso.

O conteúdo dessa obra, exceto quando indicado outra licença, está disponível sob a Licença Creative Commons, Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente

Mario Santos Moreira

Diretor da Casa de Oswaldo Cruz

Marcos José de Araújo Pinheiro

Chefe do Museu da Vida

Luis Henrique Amorim

Serviço de Itinerância

Fernanda Marcelly de Gondra França

Lais Lacerda Viana

Mariluci Correia do Nascimento

Marta Fabíola do V. G. Mayrink (Coordenação)

Monica Merola Azevedo

Paulo Henrique Colonese

Thaíssa Alice Rosa de Medeiros

Vanessa Cristina da Silva Ferreira

Concepção da Coleção

Paulo Henrique Colonese

Autor

Paulo Henrique Colonese

Poesias

IA Microsoft Copilot,

edição Paulo Henrique Colonese

Apoio Administrativo

Fábio Pimentel

Mídias e Divulgação

Tatiane de Oliveira Lima

Captação De Recursos

Escritório de Captação da Fiocruz

Gestão Cultural

Sociedade de Promoção Sociocultural da Fiocruz

Catálogo na fonte:

Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel – Museu da Vida Fiocruz

C719g Colonese, Paulo Henrique.
Golfinho Orca / Paulo Henrique Colonese. – Rio de Janeiro :
Fiocruz – COC, 2025.
73 p. il. color. (Coleção Monã: vozes oceânicas; 1).
Modo de acesso:
<<https://educare.fiocruz.br/user/profile?id=KsfsvrLDcare>>.
ISBN 978-65-84029-05-7 (e-book).
1. Cetáceos. 2. Golfinhos. 3. Orca. 4. Ecologia marinha.
5. Poesia. I. Título. II. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de
Oswaldo Cruz. Museu da Vida Fiocruz. III. Título. IV. Série.

CDD 599.53

**MINISTÉRIO DA CULTURA E
MUSEU DA VIDA FIOCRUZ**
apresentam

ARTE E CIÊNCIA SOBRE RODAS

Coleção Monã: Vozes Oceânicas

Esta coleção é um produto cultural do Projeto Arte e Ciência sobre rodas, 2024-2026, aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura.



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Patrocínio

TOYOTA



sanofi



Abbott

Gestão Cultural

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



SUMÁRIO

Monã – Vozes Oceânicas	06
O Oceano de Monã – Poesia IA	10
Orcina, a Golfinha Orca	11
Um bebê Orca	22
Entre Ecos e Ondas	25
Juventude em Mar Aberto	32
Entre correntes e escolhas	38
Mar de Saberes	48
A Voz mais antiga do mar	52
Manifesto Cetáceo	54
Manifesto Cetáceo – Poesia IA	57
Quem me classificou?	61
Para me Conhecer Mais	66
Autor	74
Chamado das Águas – Poesia IA	78



Figura de brasileiros em Uma festa brasileira celebrada em Ruão em 1550”, por Ferdinand Denis, 1850.

Coleção
MONÃ: VOZES OCEÂNICAS

Monã – Vozes Oceânicas

História inspirada em “Uma festa brasileira celebrada em Ruão em 1550”, por Ferdinand Denis, 1850. Edições do Senado Federal – Vol. 150, 2011.

Muito antes de embarcações cruzarem o Oceano e de alguns humanos criarem mapas e desenharem fronteiras, os povos originários já contavam histórias sobre a criação do mundo, da água e da vida.

Uma dessas histórias fala de **Monã**, sem fim nem começo, o grande espírito criador dos povos indígenas **Tupinambás**. Monã criou o Céu, a Terra e tudo quanto existe neles, incluindo os animais e os seres humanos.

Tempos depois, ao ver que a humanidade se afastava da harmonia com a natureza, Monã enviou **Tata** (o **fogo** do céu) para renovar a Terra. O fogo foi tão intenso que criou vales, colinas, belas campinas, montanhas e depressões no solo.

Apenas, **Irim-Magé**, um humano muito sábio e justo, sobreviveu ao incêndio por estar na terra de Monã. Ele implorou por misericórdia e Monã, comovido, lançou **Amana** (**chuva**) de **amã atouppane**, (nuvens d’água) para apagar o incêndio.

E foi da água da chuva que apagou esse fogo que nasceu **Parana**, o **grande rio-mar** — vasto, profundo e salgado pelas cinzas do passado.



Oceano, o grande rio, para os povos indígenas tupinambás, não é apenas água:

é memória, transformação e renascimento.

Inspirada nesse mito ancestral, a coleção **Monã: Vozes Oceânicas** convida você a mergulhar no oceano e costas brasileiras e descobrir os encantos da **fauna** e da **flora marinha**.

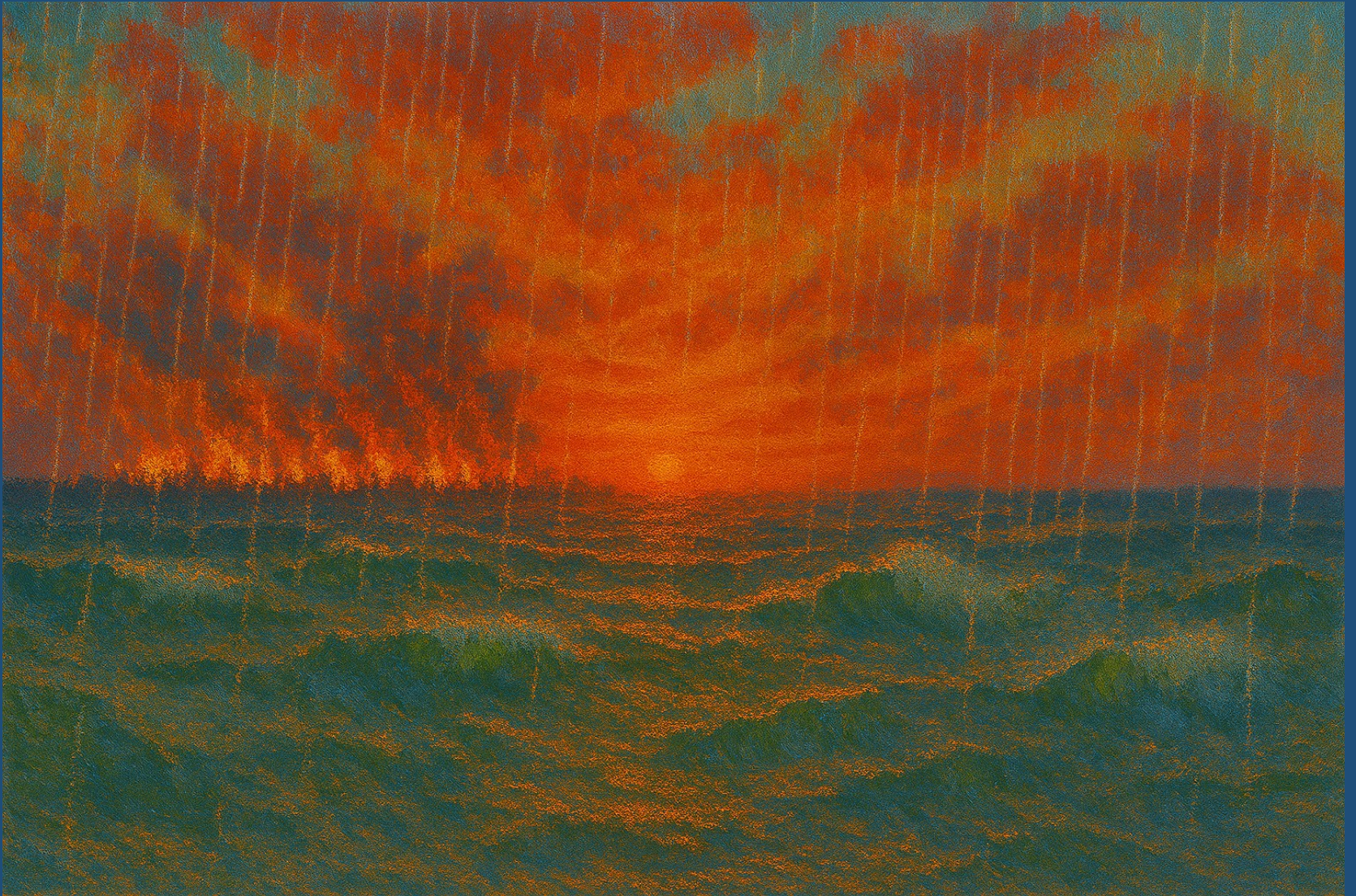
Cada espécie apresentada carrega não só sua beleza e ecologia, mas também uma história que conecta ciência, cultura e espiritualidade.

Aqui, os seres marinhos não são apenas seres vivos — são **filhos das águas sagradas**, guardiões de um equilíbrio que precisa ser respeitado e protegido.

A Coleção Monã: Vozes Oceânicas é um chamado para olhar o oceano com os olhos da sabedoria ancestral: como um espaço de **vida, cura e conexão**.

Nesse volume, iremos conhecer **Orcina, uma golfinha orca**.





Criação do Grande Rio por Monã.
Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025.

O OCEANO DE MONÃ
Gerado com IA Microsoft Copilot em
30/09/2025, edição Paulo H. Colonese

**No tempo em que tudo era novo,
E o mundo ainda aprendia a viver,
Monã, o grande criador do povo,
Fez a Terra, o céu e o amanhecer.**

**Criou animais, árvores, chão,
Fez o vento dançar com o trovão,
Mas viu que a humanidade, em confusão,
Esquecera do amor e da união.**

**Então Monã, triste e pensativo,
Mandou Ata, fogo forte e vivo,
A queimar montanhas, rios e flores,
Levando embora cores e amores.**

**Mas Irin-Magé, justo e bom,
Pedi perdão com o coração.
Monã ouviu, com compaixão,
E lançou Amana sobre a imensidão.**

**A chuva caiu, caiu sem parar,
E a Terra começou a se transformar.
As águas cobriram o que era chão,
E nasceu oceano, com sal e emoção.**

**O mar guardou as cinzas do passado,
Mas trouxe vida, peixe encantado.
E Monã, com sabedoria,
Deu ao mundo sal e memória.**

**Hoje, quando olhamos oceano a brilhar,
Lembramos de Monã a nos ensinar:
Que a natureza é respeito e cuidado,
E o oceano, nosso legado.**



Orcas, mãe e filha.
Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025.

**ORCINA,
A GOLFINHA ORCA**



Orca (*Orcinus orca*). © gonakadet, 2019.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Olá! Eu sou **Orcina**, uma orca fêmea da espécie **Orcinus orca**.

Infelizmente, muitas pessoas ainda nos chamam de “**Baleias Assassinas**”, o que está **duplamente errado**.

Primeiro porque nós não somos baleias, somos do grupo dos **golfinhos gigantes**, pois somos os maiores golfinhos do grupo!

E também **não somos assassinas**, somos apenas **carnívoras** como a maioria dos humanos - e grandes predadoras do oceano.

Por isso, não deixe nos difamarem por aí!





Orca (*Orcinus orca*). © Christopher Stephens, 2023.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-SA-4.0.

Meu nome científico ***Orcinus orca*** revela um grande **medo** que os navegantes antigos tinham ao nos avistarem.

Orcinus deriva do latim “**Orcus**”, o nome de um deus romano do submundo, associado às profundezas. Portanto, ***Orcinus*** significa algo como “**do reino das profundezas**”.

Orca também vem do latim, e significa “**animal marinho grande e feroz**”. Era assim que os antigos romanos chamavam os grandes animais marinhos.

O meu nome popular veio de um “erro” dos povos de língua inglesa. Os espanhóis nos chamavam de “assassinas de baleias” por que podemos comer até baleias. Os povos ingleses traduziram errado e passaram a nos chamar de “baleias assassinas” em vez de “comedoras de baleias”.

Os humanos sempre tem medo do que não conhecem.





Boca de Orcus, Parque dos Monstros, Ben Skála, 2013. Wikipedia. Licença CC-BY-SA.

Olhem essa “**Boca de Orcus**”, o deus romano das profundezas, em uma escultura nos “Jardins de Bomazzo”, conhecido como Parque dos Monstros, na Itália.

Como os humanos europeus nos associaram a esse monstro? Minha mãe dizia que foi o medo do desconhecido que os humanos carregam no coração.



Nós, orcas, somos encontradas em muitas partes do Oceano, especialmente em regiões de correntes mais frias.

Na América do Sul e na Antártida estamos nas regiões costeiras da Patagônia (Argentina e Chile), na Região de Magalhães e Tierra del Fuego, na Ilha Geórgia do Sul e na Península Antártica.

E estamos também na costa do Brasil, na região sudeste, entre os estados do Rio de Janeiro e de Santa Catarina.

Existem até grupos residentes no Brasil que podem ser vistos em:

Santa Catarina (Florianópolis),
São Paulo (Ilhabela, Ubatuba, São Sebastião e no Arquipélago de Alcatrazes),
e **Rio de Janeiro** (Arraial do Cabo, Região dos Lagos).

O grupo residente do litoral brasileiro já tem pelo menos 50 orcas, todas identificadas por cientistas e protetores do oceano.

Eu nasci em águas frias e profundas do Oceano Atlântico, e faço parte desse grupo do sul do Brasil. E vou contar minha história, desde o início...





Grupo de Orcas (*Orcinus orca*).
© Fernando Olea, 2016. Acervo
iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Orca (*Orcinus orca*). © Billy Morris, 2025.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Eu acabei de nascer e estou conhecendo o mundo pela primeira vez. Sou uma bebê Orca, mas já sou maior que um humano.

Eu tenho 2 metros e meio de comprimento e peso quase 200 quilos!

Minha mãe é muito forte e experiente e nunca me deixa sozinha. Ela me ensina a nadar, respirar e entender os sons do oceano. Eu fico bem pertinho dela, sigo seus movimentos e aprendo tudo o que posso.

Minha pele é preta e branca, com manchas que ajudam meu grupo a me reconhecer. Essas manchas são como uma identidade — cada orca tem um padrão único!

Já tenho dentes, mas ainda não os uso para caçar. Por enquanto, só mamoo o leite da minha mãe, que é muito nutritivo e me ajuda a crescer rápido.

Vivemos em grupos chamados **pod**, onde todos se ajudam e se comunicam com sons especiais. Em breve, vou usar minha própria voz para conversar com os outros.

O oceano é enorme e cheio de vida. Eu ainda tenho muito para descobrir, mas estou animada. Cada dia é uma nova aventura!



Orca (*Orcinus orca*). © Billy Morris, 2025.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



UMA BEBÊ ORCA

Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025,
com edição de Paulo H. Colonese

**Olá, mundo azul!
Eu acabei de nascer,
Sou uma pequena orca,
Pronta pra aprender.**

**Tenho dois metros e meio,
E peso quase duzentos quilos,
Mas perto da minha mãe gigante,
Ainda sou bem pequenina.**

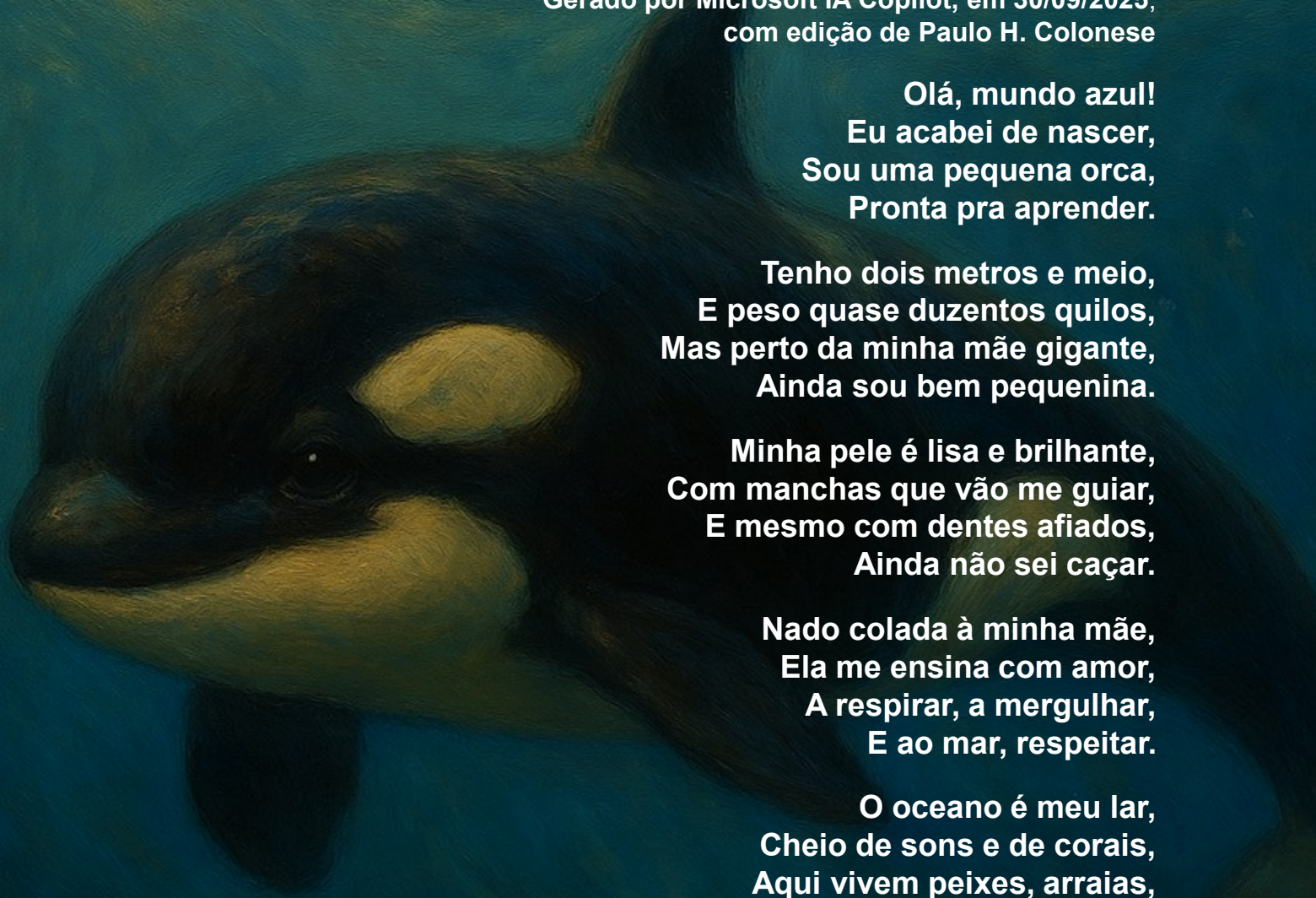
**Minha pele é lisa e brilhante,
Com manchas que vão me guiar,
E mesmo com dentes afiados,
Ainda não sei caçar.**

**Nado colada à minha mãe,
Ela me ensina com amor,
A respirar, a mergulhar,
E ao mar, respeitar.**

**O oceano é meu lar,
Cheio de sons e de corais,
Aqui vivem peixes, arraias,
E histórias ancestrais.**

**Logo vou aprender a cantar,
E, com meu grupo, conversar,
Pois orcas são muito sociais,
Vivem juntas, como em um lar.**

**Sou filha das águas salgadas,
Do mar profundo e sem fim,
E mesmo tão pequenina,
O oceano já mora em mim.**





Orca (***Orcinus orca***). © Margarita Lankford, 2025.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Minha fase de orca bebê durou um ano.

Agora, vou começar minha infância que dura de 1 até 3 anos.

Nessa fase, eu vou crescer bastante.
Vou quase duplicar de tamanho e de peso.

Vou chegar a quase 4 metros e pesar quase 500 quilos!

Eu já comecei a explorar o ambiente com mais autonomia.

Ainda continuo mamando, mas já comecei a experimentar e descobrir o sabor de alimentos sólidos.

Vou aprender novos comportamentos sociais e de caça observando as orcas adultas.

É quando eu crio fortes ligações com minha mãe, mas também com o meu grupo pod.



ENTRE ECOS E ONDAS

Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025, com
edição de Paulo H. Colonese

Com um ano, tudo era novo:
o som, o sal, o movimento.
Brincava com algas e peixes,
sem perceber o tempo lento.

Minha mãe, firme e atenta,
guiava cada mergulho,
me ensinava a ouvir o mundo
pelo eco em cada sulco.

Aos dois, já nadava longe,
mas nunca fora de seu olhar.
Aprendi a caçar com arte,
a girar, a me ocultar.

O grupo (pod) era minha escola,
cada canto, uma lição.
Sabia quem era ancião,
quem guardava a tradição.

Com três, já era ousada,
desafiava as correntes,
mas voltava ao lado dela
quando o mar ficava quente.

Sou pequena, mas sou parte
de um pod que sabe ouvir.
E nas ondas do Atlântico
aprendo a existir.

Orca (*Orcinus orca*). © awri, 2025.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Hoje completei 3 anos de idade, e comecei a viver uma fase incrível da minha vida: minha pré-adolescência!

Essa fase dura até os meus 10 anos. Cada dia no oceano é uma nova aventura, cheia de descobertas. Já não sou mais um bebê.

Aprendi a nadar com confiança, a mergulhar fundo e a acompanhar meu grupo em caçadas. Ainda fico perto da minha mãe, mas agora sou mais independente.

Posso nadar ao lado dos outros jovens do meu grupo, e juntos exploramos os recifes, caçamos peixes e brincamos nas correntes marinhas.

Minha pele preta e branca já está bem definida, e meu corpo cresceu bastante — tenho quase 4 metros de comprimento e peso mais de 500 quilos! Mas vou chegar a quase 6 metros e pesar 1500 quilos.

Minha dieta é bem variada. Eu como peixes, polvos e lulas. Já ouvi falar que algumas orcas podem comer até focas e baleias. Mas, eu adoro mesmo, peixes.

Os arenques de áreas costeiras como pampos (*Trachinotus spp.*), corvinas (*Micropogonias spp.*), anchovas (*Engraulis spp.*) e as arraias e atuns (*Thunnus spp.*) são uma delícia!



Estou mais forte, mais ágil e mais curiosa.
E adoro aprender observando as orcas adultas, principalmente quando usam estratégias inteligentes para caçar ou se comunicar.

A comunicação é muito importante em nossa vida. Usamos sons especiais para conversar, chamar uns aos outros e até para nos orientar debaixo d'água.

Estou aprendendo a usar minha própria voz e a entender os sons do grupo. Nós temos uma linguagem só nossa!

Também estou descobrindo a viver em sociedade, nosso pod é como uma grande família.

Aprendemos juntos, cuidamos uns dos outros e seguimos os mais velhos em viagens pelo oceano. Eles conhecem os melhores lugares para encontrar alimento e nos protegem de perigos.

E aproveito cada momento para crescer, brincar e aprender com os mares que nos cercam.

O oceano é meu lar, e nele há muito para descobrir.



Orca (*Orcinus orca*). © Sherry Kirkvold, 2022.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Eu já aprendi a reconhecer muitos tipos de sons.

Os sons de chamados, dos cliques de ecolocalização e dos assobios feitos em busca de peixes.

Escute abaixo alguns dos sons gravados por cientistas que nos estudam:

Chamados



Assobios



Cliques



Fonte dos sons:

OrcaSound - <https://live.orcasound.net/learn>



Orca (*Orcinus orca*). © benediktschnitzer (BeSch), 2017.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



JUVENTUDE EM MAR ABERTO

Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025, com
edição de Paulo H. Colonese

**Dos três aos dez, sou corrente,
sou espuma, sou brincar.
Sou orca em fase crescente,
aprendendo a navegar.**

**Já não sou tão pequenina,
mas ainda sigo atrás,
das vozes que me ensinam
os caminhos e os sinais.**

**Brinco com os meus irmãos,
giro, salto, faço festa.
Cada dia é uma dança
sob o sol que nos aquece.**

**Aprendo a caçar com arte,
a escutar o fundo azul,
a respeitar cada parte
do imenso oceano sul.**

**Vejo peixes, vejo rochas,
vejo redes e perigos.
Mas com o pod, sigo firme,
entre cantos e abrigos.**

**Sou curiosa, sou veloz,
sou promessa de matriarca.
Minha infância é uma voz
que no mar deixa sua marca.**

Orca (*Orcinus orca*). © Sherry Kirkvold, 2022.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Já se passaram alguns anos desde que eu era uma pequena orca grudada na minha mãe.

Agora já sou adolescente — entre meus 10 e 15 anos — e muita coisa mudou!

Minhas **nadadeiras dorsais** estão crescendo rápido, principalmente porque sou uma fêmea.

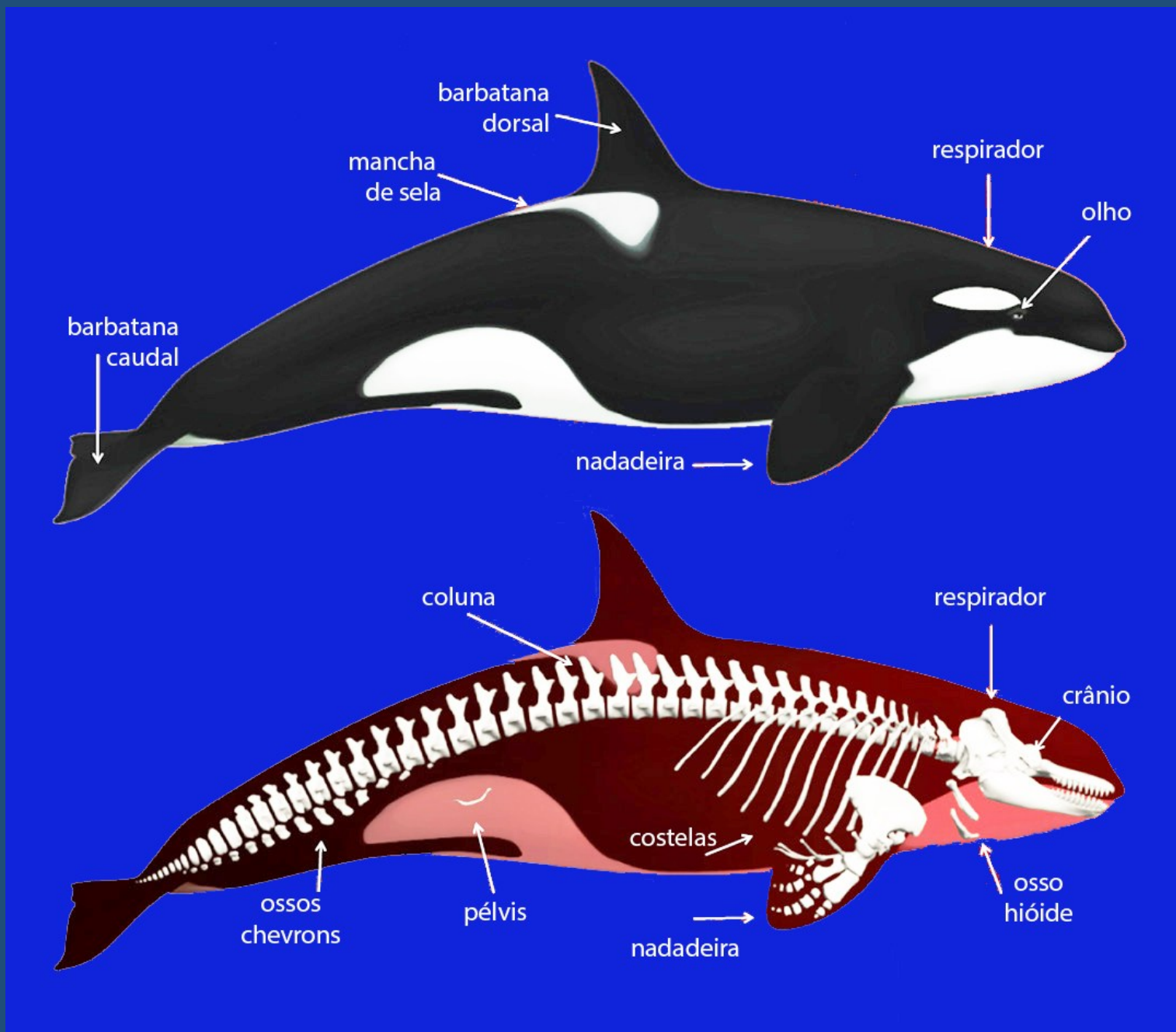
Nos machos, ela fica enorme e reta, mas a minha será mais curva e elegante.

Estou ficando mais forte, mais rápida e cada vez mais curiosa também.

Já sei caçar com o grupo. Aprendi a trabalhar em equipe para cercar cardumes de peixes e até para confundir arraias.

Cada caça é uma aventura, e eu adoro quando conseguimos comida para todos.





Detalhes da anatomia e esqueleto de uma orca.

Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025, com edição de Paulo H. Colonese.

Orca (*Orcinus orca*) © Robin Gwen Agarwal, 2016.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Ainda não sou líder, mas já tenho voz no grupo.
Usamos sons para conversar, chamar atenção, brincar e até ensinar. É como se estivéssemos cantando juntos no mar!

Às vezes quero nadar sozinha por alguns minutos, explorar cavernas submarinas ou seguir uma corrente fria só para ver onde ela vai. Mas nunca fico longe por muito tempo — o grupo é minha casa.

Eu estou aprendendo a cuidar dos filhotes mais novos e a respeitar os mais velhos.

As fêmeas adultas nos ensinam com paciência, e os machos mais velhos nos protegem.

É como viver em uma grande família que nada junta todos os dias.

Ainda não posso ter filhotes, mas sei que esse dia vai chegar. Por enquanto, estou aproveitando cada mergulho, cada brincadeira e cada descoberta.

O oceano é enorme, cheio de coisas a descobrir, e eu estou crescendo com ele.



ENTRE CORRENTES E ESCOLHAS

Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025,
com edição de Paulo H. Colonese

Dos dez aos quinze, sou vento,
sou força que quer saber.
Sou orca em crescimento,
aprendendo a escolher.

Já não sou só aprendiz,
mas também não sou matriarca.
Carrego em mim o início
da sabedoria que marca.

Exploro além do pod,
testo limites do mar.
Sinto o chamado da vida
que começa a me moldar.

Aprendo a ler os silêncios,
a escutar sem perguntar.
Cada canto tem um peso,
cada gesto, um ensinar.

Às vezes erro o caminho,
me afasto, volto, insisto.
Mas sei que é nesse espaço
que o futuro ganha visto.

Sou jovem, sou inquieta,
sou promessa em formação.
E nas águas do Atlântico
desperta minha paixão.



Grupo de orcas. (*Orcinus orca*).

© azure27014, 2023.

Acervo iNaturalist.

Licença CC-BY-NC-4.0.

Hoje, completei meus 15 anos.
E já estou com quase 7 metros e pesando 3.000 quilos.

Alguns orcas machos do grupo já estão com quase 9 metros e vão chegar a 5.500 quilos, quase o dobro do meu peso.

Eu vivo em um pod do litoral sul brasileiro, entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, onde as correntes frias trazem alimento e histórias.

Deixei de ser apenas uma aprendiz.
Já conheço os sons do meu grupo, os caminhos das tainhas e das lulas, e os perigos de embarcações barulhentas.

Eu comecei a caçar com as mais velhas, a participar das estratégias que usamos para cercar cardumes e dividir o alimento com o grupo.

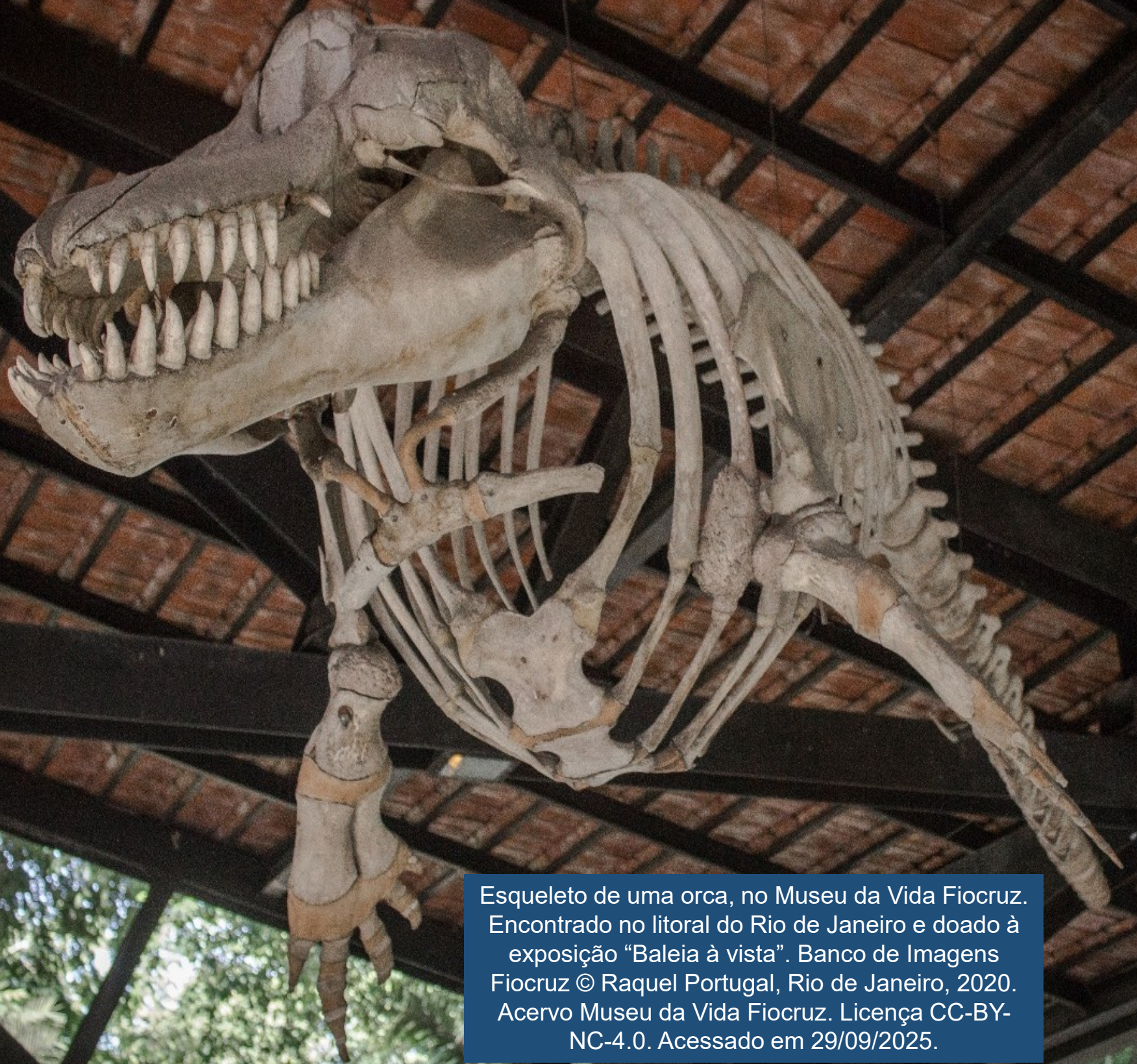
Minha pele preta com manchas brancas distintas me ajuda a me camuflar no oceano.

Meu corpo é perfeito para nadar em alta velocidade.

Minhas nadadeiras dorsais são grandes e fortes, e minha cauda poderosa me impulsiona através da água.

Tenho 48 dentes afiados, que uso para capturar e segurar minhas presas.





Esqueleto de uma orca, no Museu da Vida Fiocruz. Encontrado no litoral do Rio de Janeiro e doado à exposição "Baleia à vista". Banco de Imagens Fiocruz © Raquel Portugal, Rio de Janeiro, 2020. Acervo Museu da Vida Fiocruz. Licença CC-BY-NC-4.0. Acessado em 29/09/2025.

A vida adulta chegou com liberdade e com responsabilidade.

Até meus 20 anos, vi o mundo mudar.

As águas ficaram mais quentes em alguns verões.
Os peixes estão mais raros em certas épocas.

Mas também vi a força de nosso grupo.
Nós temos nossos próprios sons e nossos próprios modos de viver.

Eu participei até de uma caça de tubarão. Os fígados de tubarões são deliciosos e muito nutritivos.
Nosso pod costuma caçar o tubarão frango ou tubarão de bico fino brasileiro (*Rhizoprionodon lalandii*), pois ele é muito fácil de capturar.

Aprendemos a nos adaptar, a seguir as correntes certas, e a evitar perigos invisíveis que os humanos deixam no mar.





Tubarão de Bico Fino Brasileiro (*Rhizoprionodon lalandii*)
© Patrick Kramer, 2010. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-4.0.



Filhote de Orca preso em redes e boias de pesca (*Orcinus orca*)
© Jacek Pietruszewski, 2023. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-4.0.



Pintura de uma orca morta na praia. Gerada por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025, com edição de Paulo H. Colonese

Aos 25 anos, perdi minha mãe.
Ela era uma das líderes do nosso grupo, uma voz firme e doce que guiava com sabedoria.
Senti sua ausência como um enorme e profundo silêncio no oceano.
Mas, continuo sentindo a sua presença...
Em cada mergulho com os mais jovens,
Em cada caçada que fazemos juntos,
Em cada canto que cantamos.





Orca adulta morta, encalhada em uma praia. (*Orcinus orca*)
© abartlett62, 2023. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-4.0.

Eu já tenho um filhote macho que chamei de **Kai**, que em japonês significa **mar**.

Assim como minha mãe fez comigo, ensinei Kai a nadar, a respirar e a caçar.

Kai era muito curioso, adorava nadar perto da superfície e brincar com algas.

Juntos, exploramos o oceano,
criamos memórias inesquecíveis
e fortalecemos nossos laços familiares

Ensinei Kai
a se comunicar com o nosso grupo de orcas,
a conhecer os sons do nosso grupo,
a visitar os lugares onde as águas são mais seguras,
e a respeitar os ritmos do mar.

Ser mãe me fez entender o valor das memórias e dos momentos juntos.



MAR DE SABERES

**Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025,
com edição de Paulo H. Colonese**

**Dos quinze aos quarenta, sou mar inteiro,
sou força que guia, sou canto primeiro.
Já não sou só corrente que aprende,
sou voz que ensina, sou alma que entende.**

**Nadei com os velhos, ouvi seus sinais,
aprendi que o oceano tem tempos vitais.
Caçar virou arte, cuidar virou lei,
e o grupo é o lar que nunca deixei.**

**Fui mãe, fui guia, fui sombra e farol,
ensinei a nadar sob o mesmo sol.
Mostrei aos pequenos o som dos mares,
o risco das redes, a força das correntes.**

**Vi águas mudarem, vi peixes sumirem,
mas vi também orcas sábias resistirem.
Com sabedoria, tracei novos rumos,
seguindo as estrelas, fugindo dos sumos.**

**Hoje, sou memória viva,
sou mapa, sou canto, sou força que ativa.
E enquanto o oceano pulsar sob mim,
serei guardiã do começo ao fim.**



Orca (***Orcinus orca***). © Robin Gwen Agarwal, 2016.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

Agora, aos 40 anos, sou uma das vozes mais antigas do meu pod. E espero poder chegar aos 80, acompanhando meus netos e bisnetos.

Já não preciso nadar na frente para ser ouvida.
Minha presença é lembrança viva de tudo que aprendemos.

Conto aos jovens...

sobre os tempos em que as águas eram mais frias,
sobre nossos encontros com baleias, tubarões e outros golfinhos.

E alerta sobre os perigos dos plásticos e das redes invisíveis que humanos lançam ao mar.

Ainda nado com força, mas meu papel é outro.
Agora, sou guardiã da cultura, da rota e sabedoria.

E enquanto o oceano cantar, eu cantarei com ele.
Minha vida é feita de ondas, ecos, memórias e pertencimento.





Orca (*Orcinus orca*). © Davis Provan, 2023.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

A VOZ MAIS ANTIGA DO MAR
Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025, com
edição de Paulo H. Colonese

Dos quarenta aos oitenta, sou tempo que passa,
sou sombra nas águas, sou memória que abraça.
Já não corro as correntes como outrora corri,
mas carrego o saber que um dia aprendi.

Sou matriarca do pod, sou guia sem pressa,
minha voz é caminho, minha história é promessa.
Os jovens me seguem, não por força ou por lei,
mas porque em meu canto, há verdades que sei.

Vi gerações nascerem, vi mares se alterarem,
vi redes, ruídos, e peixes se afastarem.
Mas também vi coragem, vi união e respeito,
vi orcas crescendo com o coração refeito.

Já não preciso caçar, mas ensino a caçar,
com gestos, com ecos, com o olhar sobre o mar.
Sou ponte entre tempos, entre o novo e o antigo,
sou abrigo nas ondas, sou silêncio amigo.

E quando o oceano me chama ao fundo mais calmo,
sei que deixo um legado em cada canto,
Pois viver é ser parte, é ser voz, é ser mar,
e aos oitenta, sou o que o oceano quer guardar.



Orca (*Orcinus orca*). © Liam Ragan, 2025.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

MANIFESTO CETÁCEOS



Pintura de uma orca saltando no oceano.
Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025.

A caça de orcas é proibida por tratados internacionais e legislações nacionais.

Japão, Noruega e Islândia são os principais países que ainda praticam caça de cetáceos, com possibilidade de orcas serem afetadas.

A maioria dos países, incluindo o Brasil, proíbe a caça de orcas e outros cetáceos.

Caçar orcas, considerada animal silvestre, é ilegal no Brasil, com penas previstas por leis ambientais.

Manter orcas em cativeiro é altamente restrito e não regulamentado para fins de aquarofilia ou exibição pública.

A legislação brasileira prioriza a proteção da fauna silvestre, especialmente de espécies marinhas de grande porte como as orcas.





Esqueleto de uma orca, no Museu da Vida Fiocruz. Encontrado no litoral do Rio de Janeiro e doado à exposição “Baleia à vista”. Banco de Imagens Fiocruz © Raquel Portugal, Rio de Janeiro, 2020. Acervo Museu da Vida Fiocruz. Licença CC-BY-NC-4.0. Acessado em 29/09/2025.

MANIFESTO CETÁCEOS

Não Somos Espetáculo

**Gerado por Microsoft IA Copilot,
em 30/09/2025, com edição de
Paulo H. Colonese**

**Não somos sombra em vidro,
nem dança sob comando.
Somos vozes do oceano,
em família, navegando.**

**Vivemos em grandes grupos,
com histórias que se entrelaçam,
com cantos que são cultura,
com memórias que não passam.**

**Nos aquários, há silêncio,
há dor que não se vê.
Há olhos que não brilham,
há nadar sem porquê.**

**Nos tiram o horizonte,
nos cercam com concreto,
nos fazem esquecer o som
do fundo mais completo.**

**Somos mães, somos filhas,
somos líderes do mar.
E não há tanque no mundo
que nos possa abrigar.**

**Querem nos ver saltando,
mas não veem nosso sofrer.
Querem aplausos e risos,
mas nos fazem esquecer.**

**Esquecer quem somos,
esquecer o que é viver.
Mas mesmo em cativeiro,
a alma tenta crescer.**

**Libertem nossas vozes,
deixem-nos voltar ao lar.
Não somos espetáculo,
somos vida a pulsar.**



Orca observada de barco. (*Orcinus orca*).
© benediktschnitzer (BeSch), 2017.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.



Orcas (*Orcinus orca*). © Robert Pittman, NOAA, 2006.
Acervo Wikimedia. Licença Dedicção ao Domínio Público.



Orcas (*Orcinus orca*). © Thomas Gonye, 2023.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.

QUEM ME CLASSIFICOU?

A primeira descrição científica formal da orca foi feita por Carl von Linné (Lineu) em 1758, na 10ª edição do *Systema Naturae*, obra que inaugurou a nomenclatura binomial moderna.

Lineu classificou as orcas como ***Delphinus orca***, pois no século XVIII todos os golfinhos e “pequenas baleias” eram agrupados no gênero ***Delphinus***.

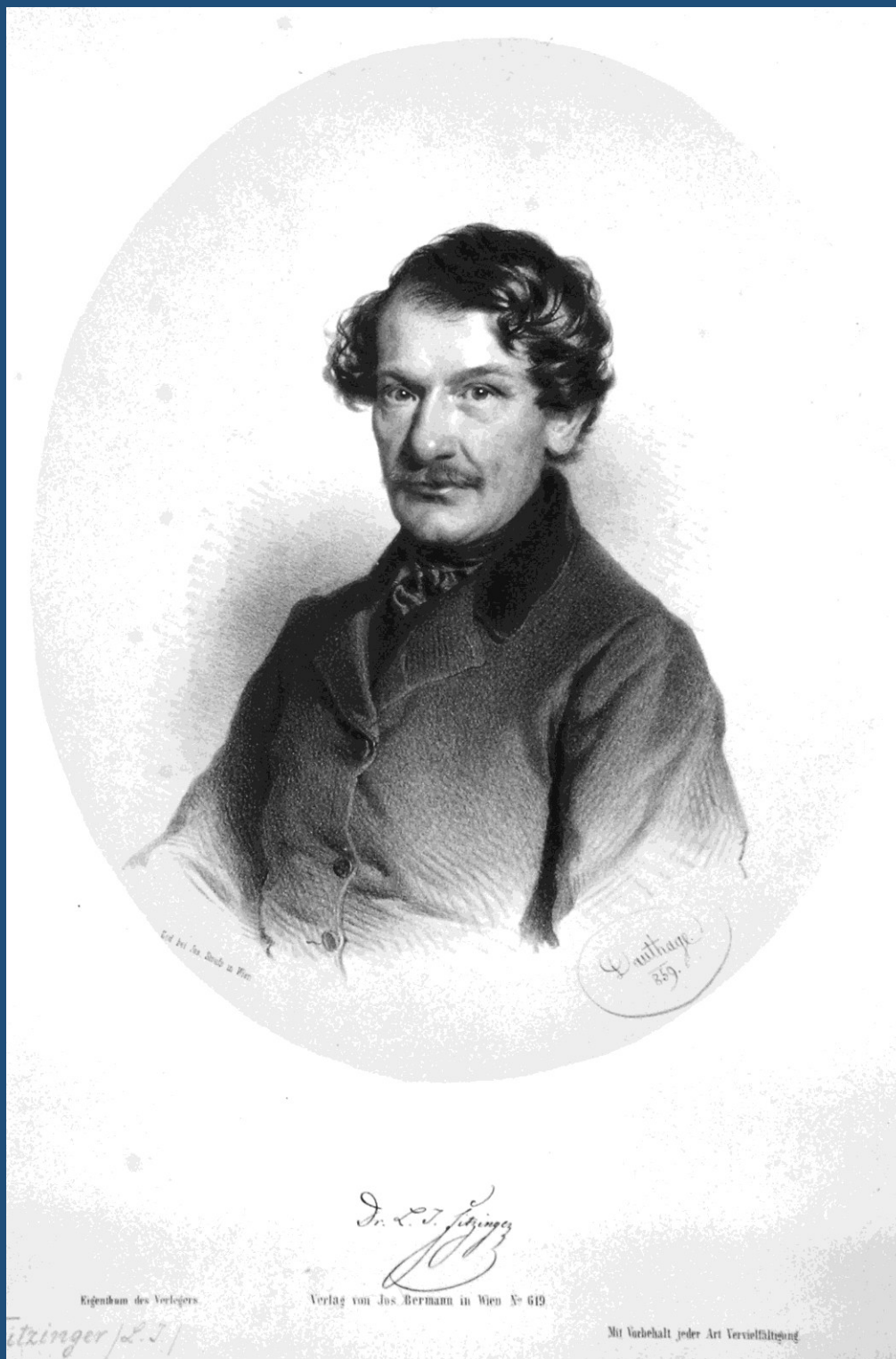
Em 1860, o zoológico austríaco [Leopold Joseph Franz Johann Fitzinger](#) (1802 – 1884) criou o gênero ***Orcinus***, separando a orca dos demais golfinhos devido às suas características morfológicas e ecológicas únicas. Desde então, o nome aceito passou a ser ***Orcinus orca*** (Linnaeus, 1758).

Orca deriva do latim *orca*, termo usado na Antiguidade para se referir a um grande cetáceo ou monstro marinho. Está associado ao deus romano ***Orcus***, divindade do submundo, refletindo a visão antiga de um predador temido dos mares.

Orcinus, então, pode ser traduzido como “pertencente a *Orcus*” ou “do submundo”, reforçando o caráter predatório do animal.

O nome popular “baleia assassina” tem origem em marinheiros ibéricos, que a chamavam de “mata-baleias” por observá-la caçando grandes baleias — expressão que foi invertida no inglês moderno. Um erro de tradução que criou minha fama de baleia e de assassina.





Leopold Josef
Fitzinger
Litografia de Adolf
Dauthage, 1859.
Fonte:
Eigenes Foto einer
Originallithographie
(Albertina Wien).
Wikipedia
Licença de Domínio
Público.

Leopold Fitzinger chegou ao Museu de História Natural de Viena em 1817 aos 15 anos, e publicou em 1832 um catálogo de mamíferos, répteis e peixes nativos do Arquiducado da Áustria. A obra foi baseada em expedições de campo por todo o Arquiducado. Ele foi auxiliado nos estudos por Johann Jacob Heckel, que mais tarde se tornaria um dos mais ilustres ictiólogos austríacos.

Fitzinger tornou-se membro permanente da equipe quando foi nomeado curador assistente em 1844. Após sua nomeação, foi encarregado da supervisão das coleções de répteis e mamíferos.

Suas realizações no campo da pesquisa em vertebrados foram reconhecidas por academias de Viena, Nápoles e Filadélfia, bem como por numerosas sociedades acadêmicas, todas as quais lhe concederam títulos honorários.

Entre 1851 e 1876, a coleção zoológica teve o estatuto de um **"Gabinete Zoológico Imperial e Real"** independente.

Materiais e espécimes de grande valor proveniente de todas as partes do mundo foram incorporados à coleção durante esse período.

Atualmente, ele integra o Naturhistorisches Museum Wien (Museu de História Natural de Viena).

Fitzinger morreu em 1884.



Entre os séculos XVIII e XIX, mais de 20 “espécies” de orcas foram descritas com base em poucos espécimes, diferenças de nadadeira dorsal ou coloração. Exemplos: ***Delphinus gladiator***, ***Orca capensis***, ***Orca antarctica***, ***Grampus orca*** — hoje todos **sinônimos** de ***Orcinus orca***.

Ao longo do século XX, especialistas consolidaram o entendimento de que existia uma única espécie global, ***Orcinus orca***, extremamente variável, mas geneticamente coesa.

Hoje reconhece-se que ***Orcinus orca*** inclui vários **ECÓTIPOS** – a mesma espécie, mas adaptada a diferentes ambientes.:

- Residentes (piscívoras)
- Orcas de Bigg ou transitórias (mamíferos-marinhos)
- Offshore (de Mar Aberto)
- Tipos Antárticos A, B, C e D

Esses grupos diferem em dieta, genética, vocalizações, comportamento e morfologia, com isolamento reprodutivo parcial.

Em 2024, um estudo de referência publicado na Royal Society Open Science propôs reconhecer **espécies distintas** no Pacífico Norte oriental:

- ***Orcinus rectipinnus*** — uma orca de Bigg transiente.
- ***Orcinus ater*** — uma orca residente.

Essas propostas são cientificamente robustas, mas ainda não totalmente aceitas por todos os sistemas taxonômicos globais (como a IUCN), que continuam listando a orca como uma única espécie complexa.



PARA ME CONHECER MAIS

**Recursos educativos para
download sobre cetáceos.**

Orca é baleia ou golfinho? As perguntas mais comuns sobre os cetáceos finalmente respondidas

Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos (LABCMA) do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo.

Marcos César de Oliveira Santos

A obra apresenta respostas às 42 perguntas mais comuns sobre baleias e suas diferenças com os golfinhos, em uma linguagem descontraída e está recheado de ilustrações e de fotografias.

Isso porque, segundo os cientistas, Cetáceos é um termo que engloba, de uma maneira geral e por força de uso popular, as “baleias” e os “golfinhos”.

Esse produto visa atender ao público jovem e adulto, às professoras e aos professores de todos os níveis de ensino, à classe profissional de jornalistas, aos amantes do mar que desfrutam do mesmo por meio da prática de esportes e de inúmeras atividades de lazer, e a quem tem apreço e curiosidade sobre os cetáceos.

(Fonte: Livros Abertos)

Link para download:
<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1088>





Entre Baleias e Golfinhos

A Jornada de Orcinus

Laboratório de Biologia da Conservação
de Mamíferos Aquáticos.(LABCMA)

Milena Lara

Gabriela Lara (ilustradora)

Livro para crianças que compartilha o encantamento de um jovem filhote de orca se descobrindo como espécie, e conhecendo o mundo marinho ao seu redor.

(Fonte: Livros Abertos)

Link para download:

<https://sotalia.com.br/index.php/extensao-cultural/livros-gratuitos?view=category&download=81:entre-baleias-e-golfinhos-a-jornada-de-orcinus&id=6:livros>



História de Vida, Ecologia e Conservação de Cetáceos

Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos. (LABCMA)

Marcos César de Oliveira Santos

Este livro didático foi elaborado para professoras e professores de escolas de ensino médio e universitários, assim como para as alunas e os alunos do ensino médio e do ensino superior.

Da forma com que foi trabalhado, ele também atenderá aos anseios de quem tiver interesse em conhecer um pouco mais sobre as baleias e os golfinhos.

(Fonte: Livros Abertos)

Link para download:

<https://sotalia.com.br/index.php/extensao-cultural/livros-gratuitos?view=category&download=90:historia-de-vida-ecologia-e-conservacao-de-cetaceos&id=6:livros>



Conhecendo as baleias e os golfinhos

Laboratório de Biologia da
Conservação de Mamíferos Aquáticos
(LABCMA)

Ednéia Deodato dos Santos Barreto

Marcos César de Oliveira Santos

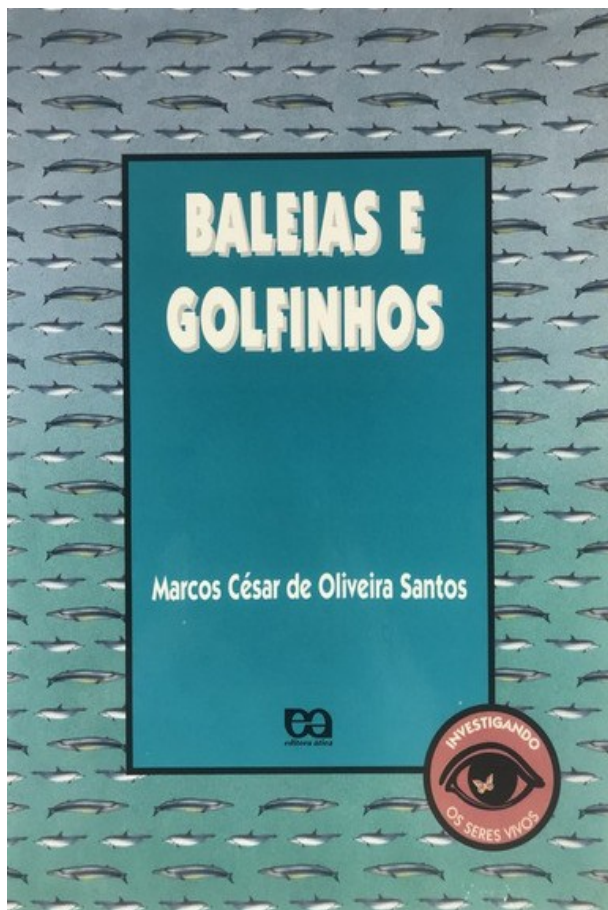
Livro escrito para adolescentes que apresenta os cetáceos com suas características principais, e compartilha com quem lê a apresentação de seis espécies com amostras de suas emissões sonoras de até um minuto ao simples toque de um botão.

(Fonte: Livros Abertos)

Link para download:

<https://sotalia.com.br/index.php/extensao-cultural/livros-gratuitos?view=category&download=82:conhecendo-as-baleias-e-os-golfinhos&id=6:livros>





Baleias e Golfinhos

Editora Ática

Marcos César de Oliveira Santos

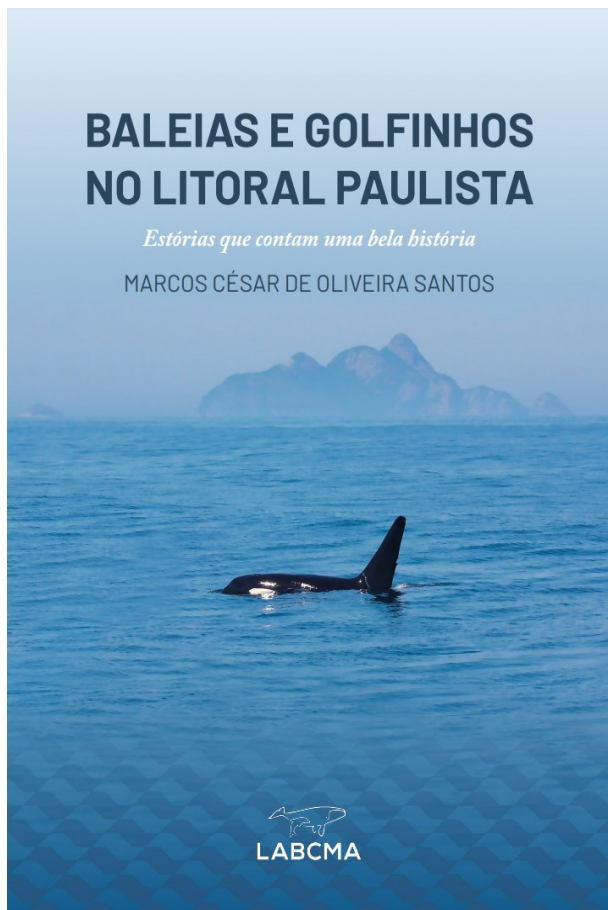
Livro paradidático voltado a jovens do ensino fundamental.

(Fonte: Livros Abertos)

Link para download:

<https://sotalia.com.br/index.php/extensao-cultural/livros-gratuitos?view=category&download=5:baleias-e-golfinhos&id=6:livros>





Baleias e Golfinhos no Litoral Paulista: Estórias que Contam uma Bela História

Marcos César de Oliveira Santos
Laboratório de Biologia da
Conservação de Mamíferos Aquáticos
(LABCMA), 2021.

Livro que conta em interessantes e curtas estórias a história sobre a presença de baleias e golfinhos na costa do Estado mais populoso do Brasil.

(Fonte: Livros Abertos)

Link para download:

<https://sotalia.com.br/index.php/extensao-cultural/livros-gratuitos?view=category&download=4:baleias-e-golfinhos-no-litoral-paulista-estorias-que-contam-uma-bela-historia&id=6:livros>





Instituto ORCA (Organização Consciência Ambiental)

Organização não governamental sediada em Guarapari, com atuação direta na zona costeira do Espírito Santo.

A instituição dedica-se à conservação dos mamíferos aquáticos e à preservação do ecossistema marinho.

O Instituto também é membro fundador ativo da Rede de Encalhes de Mamíferos Aquáticos do Brasil (REMAB/CMA).



SIMMAM

Sistema de Apoio ao monitoramento de mamíferos marinhos

GEMM-LAGOS

Grupo de Estudos de Mamíferos Marinhos

Sites:

<https://institutoorca.com.br/>

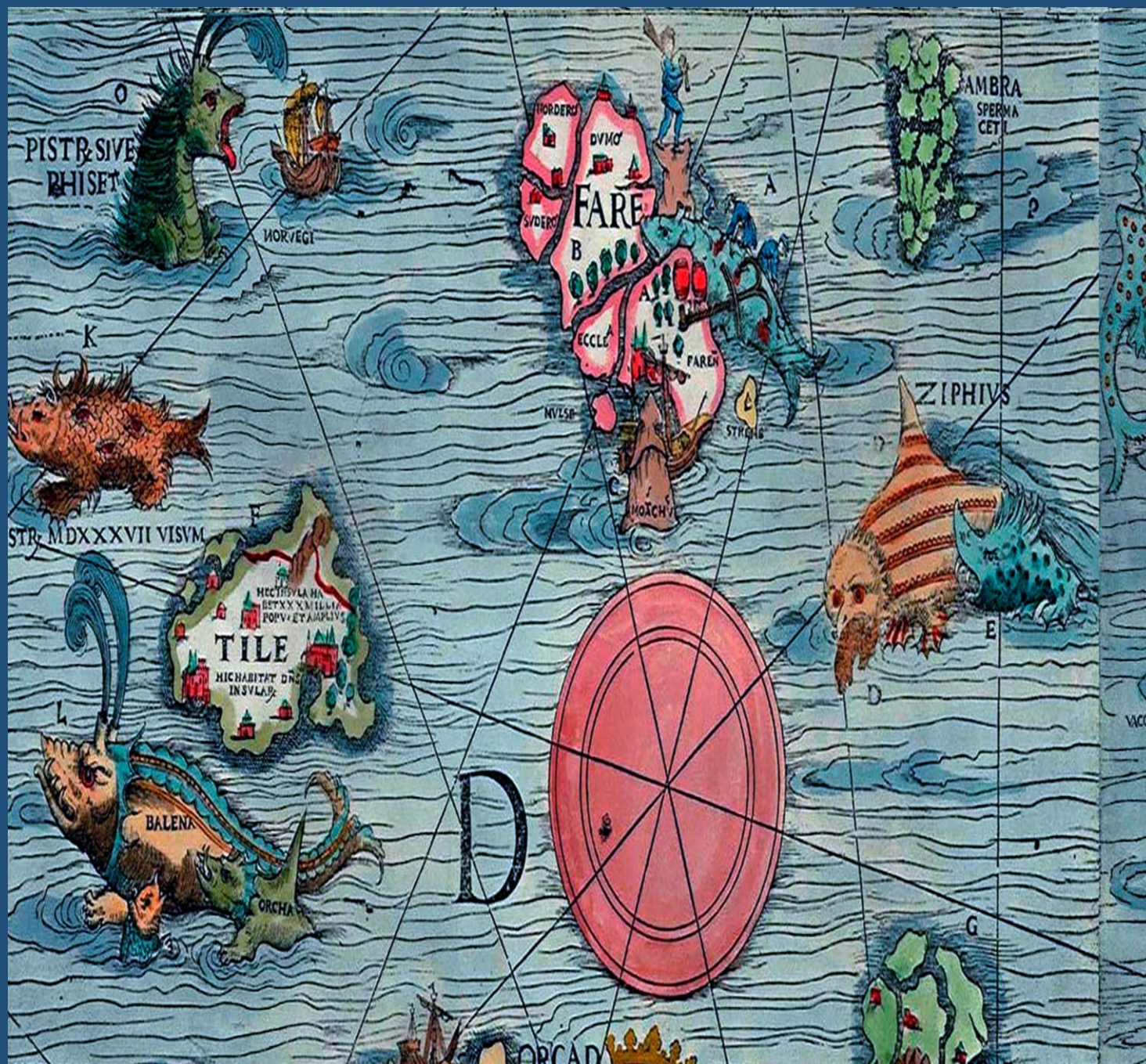
[SIMMAM](#)

[Grupo de Estudos de Mamíferos Marinhos](#)



AUTOR

**(Poesias foram criadas com IA,
editadas pelo autor)**



Em *Carta marina* (1527-1539), Olaus Magnus se baseou em fontes cartográficas, descrições de marinheiros e suas próprias observações. Os cetáceos e animais marinhos aparecem como monstros assustadores, como a dupla Baleia e Orca no canto inferior esquerdo da imagem. Acervo Wikipedia, em Domínio Público.



Paulo Henrique Colonese

Olá, sou Paulo Henrique Colonese, e atuo em dois museus, o Museu da Vida Fiocruz e o Espaço Ciência Viva, no Rio de Janeiro.

Minha família é da cidade de Pacatuba, Ceará, próximo ao Território Indígena do povo Pitaguary, o que descobri há pouco tempo.

Eu fui alfabetizado por professores leigos em Fortaleza e me mudei para a cidade do Rio de Janeiro aos 7 anos.

As ciências físicas e matemáticas sempre me interessaram, e me apaixonei pela história da ciência em minha adolescência.

Na universidade, no curso de Física, conheci o campo da educação e popularização da ciência, participando do Espaço Ciência Viva, um museu interativo criado em 1982. Desde então, participo de projetos interdisciplinares que envolvem ciência, educação, história e arte, voltados para formação de educadores em escolas e em museus.

Ao final da década de 1990, passei a atuar no Museu da Vida Fiocruz, na criação do Parque da Ciência. Atualmente estou no programa Ciência Móvel, um museu itinerante que viaja na região sudeste do Brasil. Na última década, tenho coordenado o Planetário Ciência Móvel, desenvolvendo projetos na linha de Astronomia Cultural, com estudos e trabalhos sobre os céus de povos indígenas.

Esse volume busca aproximar crianças e jovens no movimento da Cultura Oceânica, integrante da Década do Oceano (2021-2030), contribuindo para **uma nova conexão com o Oceano**.



CHAMADO DAS ÁGUAS

**Gerado por Microsoft IA Copilot, em 30/09/2025,
com edição de Paulo H. Colonese**

**No silêncio azul das profundezas,
onde o tempo dança em ondas serenas,
vive um canto antigo, esquecido,
dos mestres do mar — os cetáceos.**

**Baleias sussurram histórias do mundo,
em línguas de eco e correnteza,
golfinhos brincam com a luz do sol,
tecendo alegria na natureza.**

**Não pedem nada, apenas fluem,
em harmonia com o pulsar do mar,
guardam segredos de eras distantes,
que humanos ouviam e sentiam.**

**Mas hoje, o ruído nos separa,
a pressa, o plástico, a indiferença.
E o Oceano, mãe e espelho,
clama por uma nova presença.**

**Volta, humano, ao ventre das águas,
escuta o canto que ainda te chama.
Reconstrói a ponte com o oceano,
com respeito, amor e alma.**

**Mergulha não só com o corpo,
mas com o coração desperto.
Pois quem escuta o oceano cantar,
nunca mais se sente deserto.**

Imagem da capa:

Orca saltando. (*Orcinus orca*).

© Sherry Kirkvold, Canadá, 2022.

Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.